

MIL ANOS
DE FORTIFICAÇÕES
NA PENÍNSULA IBÉRICA
E NO MAGREB
(500-1500)



COORDENAÇÃO DE
ISABEL CRISTINA FERREIRA FERNANDES



Edições Colibri

Câmara Municipal de Palmela



BIBLIOTECA NACIONAL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Simpósio Internacional sobre Castelos 2000, Palmela

Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no
Magreb (500-1500) : actas / do Simpósio Internacional
Sobre Castelos 2000 ; coord. Isabel Cristina Ferreira
Fernandes. – (Extra-colecção)
ISBN 972-772-308-X

I – Fernandes, Isabel Cristina Ferreira, 1957-

CDU 725.18(469+460)"500/1500"
725.18(61)"500/1500"
94(469)"500/1500"
94(460)"500/1500"

Título	<i>Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)</i>
Coordenação	Isabel Cristina Ferreira Fernandes
Editor	Fernando Mão de Ferro
Edição	Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela
Grafismo e Paginação	Albertino Calamote
Revisão de texto de português	M.ª Fernanda Araújo
Fotolitos	Arte Mágica
Capa e logotipo	Paulo Curto
Execução gráfica	Colibri – Artes Gráficas
Depósito Legal	175 522/02
Tiragem	1 500 exemplares
Lisboa	Janeiro de 2002

○ Castelo de Mértola – estrutura e organização espacial (sécs. XIII a XVI)

JOAQUIM MANUEL FERREIRA BOIÇA
MARIA DE FÁTIMA ROMBOUTS DE BARROS

Campo Arqueológico de Mértola

Resumo

De planta aproximadamente trapeziforme, com uma pujante torre de menagem e um conjunto de torreões a defender os seus ângulos, o castelo de Mértola inscreve-se no alargado grupo de edifícios de raiz gótica erguidos a partir de finais do séc. XIII. Não irá conhecer, no entanto, ao contrário de muitos congéneres seus, obras significativas de modernização, de adaptação das suas estruturas ao uso das armas de fogo.

Ainda que permanecendo operacionalmente ligado, até ao séc. XVIII, à primeira linha de defesa da fronteira, o castelo de Mértola viu progressivamente esfumar-se, como sucedeu a outros, a importância militar e estratégica que detivera no passado. Uma vez votado ao abandono, caminhou, paulatinamente, para a ruína. Nesse processo, perderam-se muitos dos seus registos construtivos e poucos vestígios deixaram, sobretudo, as estruturas erguidas no seu interior, residenciais e outras. É possível, no entanto, com recurso a documentação escrita e iconográfica, reconstituir o processo evolutivo da ocupação funcional do castelo entre os séculos XIII e XVI, nomeadamente a presença de estruturas como a cisterna, depósitos para víveres, a cozinha, a estrebaria, e edifícios como a pequena Capela de Santiago, a casa do alcaide pequeno e a residência senhorial do alcaide-mor.

A topografia do local onde Mértola lançou as suas raízes, um amplo esporão rochoso abraçado por dois cursos de água, a Ribeira de Oeiras e o Rio Guadiana, emprestou-lhe excepcionais condições de defesa. Aos favores da Natureza acrescentaram os homens o seu engenho, envolvendo esse esporão com imponentes muralhas, à sombra das quais a urbe cresceu e adquiriu prestígio histórico. Prestígio que assentou, para lá da importância militar que desde cedo lhe esteve associada, na riqueza mineira do vasto território que controlava e na sua intensa actividade portuária, facultada pelo Guadiana, extensa estrada fluvial que possibilitava o contacto com as águas mediterrânicas e atlânticas e fez de Mértola o principal entreposto mercantil do Alentejo.

É uma urbe enobrecida por notáveis registos patri-moniais legados por civilizações passadas, da romana à islâmica, que as hostes de Santiago conquistam em finais do ano de 1238. Segundo as crónicas que do feito deram notícia, os cavaleiros cristãos, sob o comando de D. Paio Peres, penetraram e tomaram posse de Mértola sem resistência de monta. Eram aparentemente poucos os que com armas a defenderiam e a população que a habitava, como denunciam diversos vestígios arqueológicos, era francamente empobrecida em relação à que, três a quatro décadas antes, havia construído o período de ouro da presença islâmica.

Se a conquista de Mértola se revelou vital e permitiu abrir caminho em direcção às fortificadas posições almóadas do Sudoeste algarvio e se instruções

são desde logo dadas aos Espatários para na vila erguerem convento seu, o certo é que estes tardaram a levar a cabo projectos construtivos que traduzissem os valores ideológicos e culturais da nova ordem cristã. Adaptaram a mesquita almóada a igreja de S.^{ta} Maria, que iria sobreviver, sem alterações assinaláveis, até aos anos trinta do século XVI, e instalaram-se durante várias décadas no antigo castelejo que dominava a alcáçova, sem realizar, aparentemente, obras substanciais no seu espaço, como também não o fizeram, igualmente, nas muralhas que cintavam a urbe, que apenas no século XIV receberiam intervenções de vulto.

A iniciativa de construir um novo castelo, empreendida em inícios da última década do século XIII, é indissociável do processo de autonomização do ramo português da Ordem de Santiago, alcançada e ratificada nos anos de 1288 e 1290. Os Espatários elegem Mértola para sua sede e foi certamente essa circunstância que ditou a necessidade, e também alguma urgência, de fazer erguer na velha alcáçova um espaço militar e residencial que respondesse a esse estatuto.

Não se dispõe de informações coevas que permitam documentar o programa de obras então executado. Sabe-se, a partir de um registo epigráfico, que a imponente torre de menagem se encontrava concluída em 1292 e que a mandara fazer «*Dom João Fernandes*», na qualidade, como assinala a inscrição lapidar, de «*primeiro mestre que houve em Portugal*» da Ordem de Santiago. Não terá sido, como é evidente, apenas a torre de menagem que naquele ano ficou concluída. Com ela nasceu e ganhou corpo uma nova estrutura fortificada.

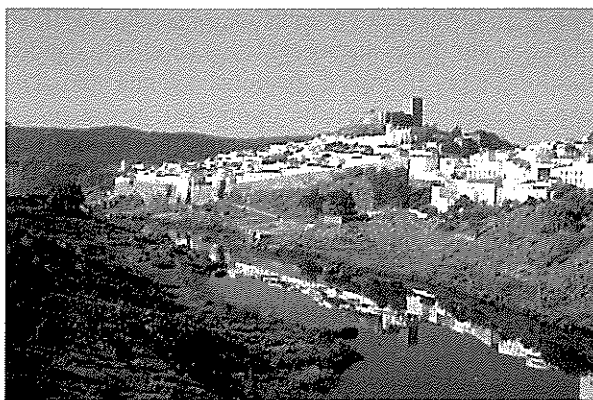


Fig. 1 - Perspectiva nascente do casco urbano Mértola.

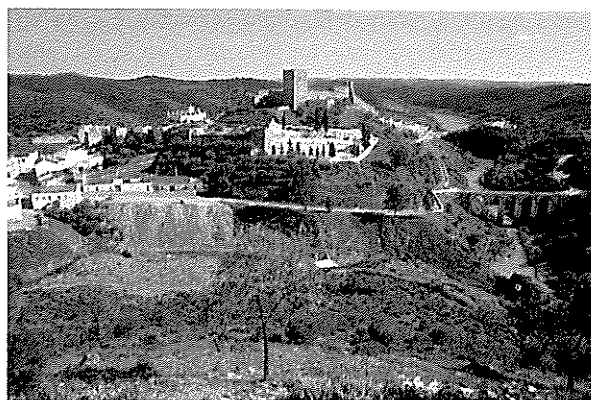


Fig. 2 - Alcaçova e castelo de Mértola (lado norte).

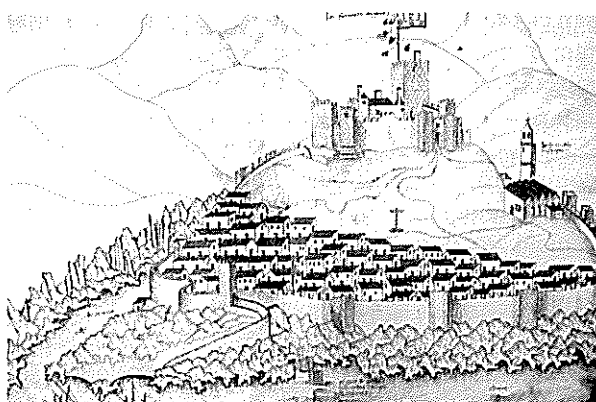


Fig. 3 - Vila e castelo de Mértola - Duarte de Armas, 1509 (IAN/TT).

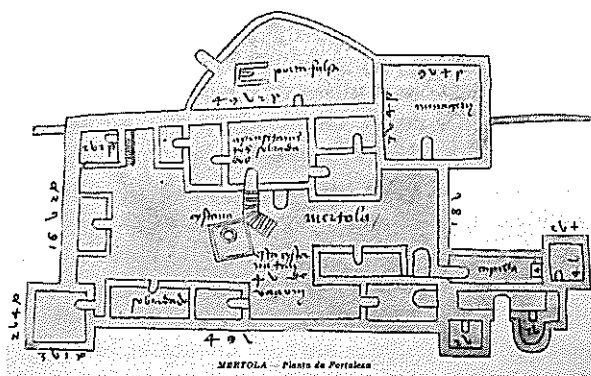


Fig. 4 - Planta do castelo de Mértola - Duarte de Armas, 1509 (IAN/TT)

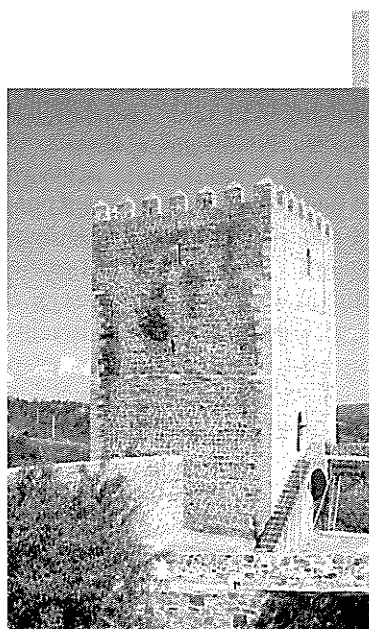


Fig. 5 - Torre de menagem construída em 1292.

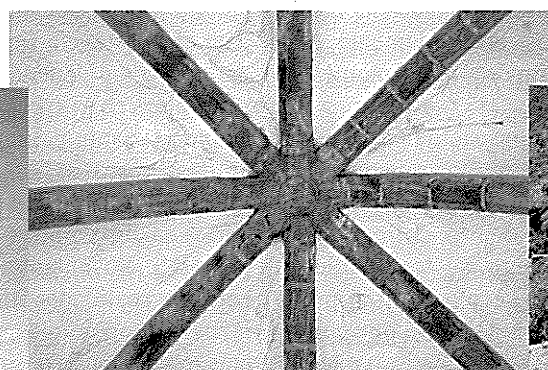


Fig. 6 - Abóboda do primeiro piso da torre de menagem



Fig. 7 - "Torre Carocha" e troço da muralha à qual se adossava a casa do alcaide-mor.

outra quadrangular, defendiam o portal, e uma terceira torre, mais robusta, erguida em posição de canto, acautelava possíveis manobras de envolvimento pela rectaguarda. Para reforço deste esquema defensivo, uma vez que a entrada constitui o ponto mais vulnerável de toda e qualquer fortificação, organizou-se o acesso em «cotovelo», com duas portas, dispositivo que dificultava as manobras e quebrava o ímpeto aos potenciais agressores. Por outro lado, parte do circuito entre as portas processava-se a céu aberto, solução que permitia atacar, de diferentes ângulos, a partir das torres e do adarve, os inimigos que tivessem conseguido franquear a primeira porta.

Embora o castelo de Mértola tivesse sido alvo, entre meados do século XIV e inícios do século XVI, de diversas campanhas de obras, a que pontualmente já se fez referência, não se modificou, em muito, a primitiva estrutura fortificada. Reforçaram-se e recompuseram-se muralhas (refira-se, a propósito, que se detectam em diferentes pontos a presença de inúmeros elementos construtivos de época romana, nomeadamente de colunas que atravessando a espessura dos muros de alvenaria serviam de perpiano), restauraram-se e contrafortaram-se torres, refizeram-se merlões, mostrando o pouco que deles resta que as abertas estavam sobretudo preparadas para tiro mergulhante e é provável que se tenha procedido, em alguns trechos, ao alargamento do adarve. Registe-se, neste contexto, que a torre de menagem foi dotada de um balcão com matacães, na face virada a poente, elemento de defesa activa que não se encontra representado no desenho de Duarte de Armas. Esta omissão não é a única (também não assinala, por exemplo, as frestas e janela góticas rasgadas na face norte da torre) e existem erros, nomeadamente de perspectiva, cuja análise não importa neste momento desenvolver.

O que importa assinalar é que o castelo de Mértola não beneficiou, ao contrário de muitos congéneres seus, de obras significativas de modernização, de adaptação das suas estruturas ao uso corrente de armas de fogo. Isto, não obstante, se ter mantido operacionalmente ligado, até ao século XVIII, à primeira linha de defesa da fronteira. Dir-se-á que continuou a assegurar, em condições aceitáveis, o papel que desde sempre lhe estivera reservado, o de último reduto da bem fortificada vila de Mértola. A evolução histórica irá impor, de resto, novas soluções. Na Restauração, por exemplo, se peças de artilharia passam a ocupar a plataforma criada com o arrasamento do piso superior da antiga torre do castelo virada à vila, é sobretudo a partir de pequenos fortins erguidos junto aos vaus do Guadiana que irá assentar a defesa da urbe.

Ao perder a sua importância militar e estratégica, o castelo irá ser votado ao abandono, circunstância

que já se observava em meados do século XVIII, se bem que em finais desta centúria e depois no quadro das lutas entre liberais e absolutistas tenha sido ocupado e recebido guarnição. Caminhou, no entanto, a passos largos, para a ruína, a que apenas se pôs termo, embora segundo critérios e metodologias discutíveis, com a intervenção da Direcção de Edifícios e Monumentos Nacionais, nos anos de 1948 a 1950. Nesse longo processo de abandono e ruína perderam-se, contudo, algumas das estruturas fortificadas do castelo e, sobretudo, poucos foram os vestígios que restaram dos edifícios erguidos no seu recinto, residenciais e outros.

A reorganização funcional do interior do castelo a seguir à Restauração, que se traduziu na construção de novos espaços que em parte se sobrepuseram a outros preexistentes, e o processo geral de ruína que se verificou a partir de meados do século XVIII ditaram o quase completo desaparecimento das estruturas edificadas nos períodos medieval e quinhentista. É possível, não obstante, com recurso à documentação que se conservou, caracterizar a disposição e a composição arquitectónica de algumas dessas estruturas, embora as informações que se possuem se restrinjam ao período compreendido entre finais do século XV e o término da centúria de Quinhentos.

É pouco o que se sabe sobre a organização e ocupação do recinto do castelo nos dois primeiros séculos da sua História. Com a construção do castelo cristão, terão surgido, acto contínuo, as mais diversas estruturas de apoio, que garantiam a vida quotidiana no interior da praça e que asseguravam, em tempo de guerra ou na sua iminência, a autonomia do castelo durante um período de tempo relativamente longo. Esta circunstância ficou parcialmente materializada em espaços e dependências como a cisterna, armazéns, a estrebaria, casas para o alcaide-mor e para o pequeno contingente de homens que servia na praça.

Como referimos, os dados de que dispomos reportam-se a uma época relativamente tardia. É bem provável, no entanto, que reflectam ou permitam entrever realidades históricas anteriores, ou seja, é razoável supor que existam continuidades funcionais na utilização dos espaços. Por outras palavras, o que nos revela e dá a conhecer Duarte de Armas, na planta e desenhos que traça de Mértola, em 1509, assim como outros documentos que lhe são próximos no tempo, como as *Visitações da Ordem de Santiago de 1482 e 1515*, para já não falar da riqueza de informações que se colhe em documentos mais tardios, não esgotam a sua leitura e significado na época estrita em que são executados. Se terá sido substancial, e sabemos que o foi, o que nestas épocas se inovou também foi muito o que se conservou ou readaptou.

O caso da cisterna é, neste particular, paradigmático. Aberta em profundidade na própria rocha, sensivelmente ao centro do terreiro do castelo, é uma estrutura reaproveitada de época islâmica. Em inícios do século XVI, e certamente até então, era um espaço quadrangular, possuindo, como assinala Duarte de Armas, quatro varas de vão e um só bocal. Pouco tempo depois, no entanto, provavelmente no contexto de obras levadas a cabo no castelo e nas muralhas da vila, iniciadas em 1510, reforma-se e amplia-se a cisterna. É já com a sua nova forma e volumetria que é referida num documento de 1535, e que corresponde, nas suas linhas gerais, ao espaço que se reconhece nos nossos dias, isto é, uma estrutura de planta rectangular, de aproximadamente dez metros de comprimento por cinco metros e meio de largo, constituída por uma abóbada de berço, apoiada em três arcos torais, com duas aberturas para recolha das águas pluviais.

Relativamente a outros espaços, como o das estrebarias a que se alude pela primeira vez num documento de 1515, é obvio que, dada a sua natureza, de há muito fariam parte do complexo edificado no recinto do castelo. Devem corresponder, na planta traçada por Duarte de Armas, às dependências situadas à esquerda da entrada do castelo. Em 1535, refere-se, eram duas casas térreas, bem telhadas, que serviam «*destrebarias e palheyro com suas manjedoyras em que caberão dez ou doze cavallos*»².

No que diz respeito à cozinha, a sua localização não é segura. Partindo da leitura da planta de Duarte de Armas, por exclusão de partes, pode ser identificada com a pequena casa térrea que se erguia sensivelmente a meio da muralha do castelo voltada a sudoeste. Porém, em 1515 (cerca de seis anos depois do desenho de Duarte de Armas), um visitador santiaguista, ao referir-se à cozinha, afirma que lhe estava adossada uma outra casa, também térrea e de menores dimensões. É bem provável, no entanto, que esta dependência tenha sido um acrescento introduzido pouco depois, no quadro do já referido programa de obras do castelo, iniciado em 1510.

Menos problemática é a localização e caracterização do espaço destinado a albergar a guarnição do castelo. Era constituído por duas casas, contíguas, de dimensões razoáveis e que se desenvolviam ao longo da muralha virada à vila. A de maior porte possuía dois pisos, sendo o superior sobradado, e a mais pequena era térrea, com entrada autónoma lateralizada; eram ambas cobertas por telhados de valadão de uma água.

Algumas estruturas do próprio castelo desempenharam, por vezes, funções diversas das que inicialmente lhes estavam atribuídas. É o caso da torre que se levanta a poente, sobre a ribeira de Oeiras, relativamente à qual se refere, na documentação, que serviu

de prisão. A designação pela qual ficou conhecida, torre «Carocha», sugere, de resto, essa funcionalidade, a de espaço de castigo. «*Carocha*» significa, como se sabe, a mitra de um condenado a um auto-de-fé e, enquanto expressão popular, «*carocha*» denomina a carapuça de papel que se colocava na cabeça das crianças que se punham de castigo.

Um dos edifícios cuja presença se encontra bem documentada é a pequena Capela de Santiago, de uso reservado aos cavaleiros espatários que por sua iniciativa foi construída em ano que se desconhece, mas provavelmente ainda no decurso do século XIV. Erguia-se no complexo defensivo criado em torno da entrada do castelo, em posição elevada, sobre um dos muros que se desenvolve num nível inferior ao do caminho de ronda, e entestava a nordeste com o torreão que ali se levantava e a dominava em altura. Adaptando-se ao espaço disponível, o templo, de planta rectangular, era, pois, de reduzidas dimensões. Ainda assim, era constituída por uma capela-mor, coberta por uma abóbada de berço, e nave justaposta, apresentando o conjunto, como dimensões aproximadas, cerca de nove metros de comprimento e três de largo.

No interior levantava-se um altar de alvenaria e junto à entrada postava-se uma pia de água benta. Na parede leste, virada ao interior do castelo, rasgavam-se duas frestas e na fachada abria-se uma porta em arco de volta perfeita, de alvenaria. Todo o edifício, construído, como refere a visitação de 1515, em «*pedra e cal*», estava protegido por um telhado de valadão de duas águas.

O recheio da capela nunca ostentou grande riqueza. Em 1515, sobre o altar, podia contemplar-se uma pintura mural onde se encontrava representada Nossa Senhora da Piedade, ladeada por S.^{to} António e S. Francisco. Detinha, ainda, dois pequenos retábulos, um figurando o Calvário e o outro a cena iconográfica de Santiago a cavalo combatendo os mouros, como era adequado ao espaço militar onde se integrava o templo.

Resta acrescentar, para não sobrecarregar a descrição da capela com elementos relativos a períodos posteriores, que se encontrava em boas condições em finais do século XVI, ostentando na altura um novo retábulo de Santiago (com a mesma iconografia do anterior) e que, em inícios do século XVIII, já nada restava do templo.

Em finais da década de oitenta do século XV, é erguido no castelo de Mértola um novo edifício destinado ao alcaide-mor. Este projecto construtivo, que usufruiu do generoso contributo régio de «*cinquenta mil reais e dois giros de serventia do termo da vila*»³, acompanhou a tendência generalizada de reforço da vertente residencial dos castelos portugueses em época tardo-medieval, facto que está relacionado



Fig. 8 - Porta da Traição e antigos pavimentos e alicerces na zona de implantação da casa do alcaide-mor e, depois da Restauração, do governador da praça.



Fig. 9 - Ângulo da fortificação onde se elevava a torre do alcaide-pequeno arrasada a seguir à Restauração para a colocação de artilharia.

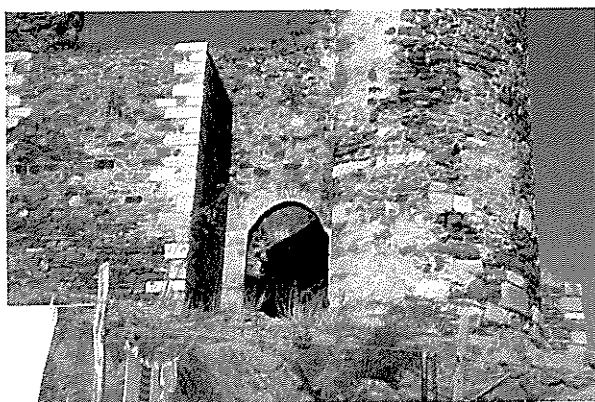


Fig. 10 - Entrada do castelo, onde se conservam alguns registos de época islâmica.



Fig. 11 - Cisterna do castelo, ampliada em época moderna.

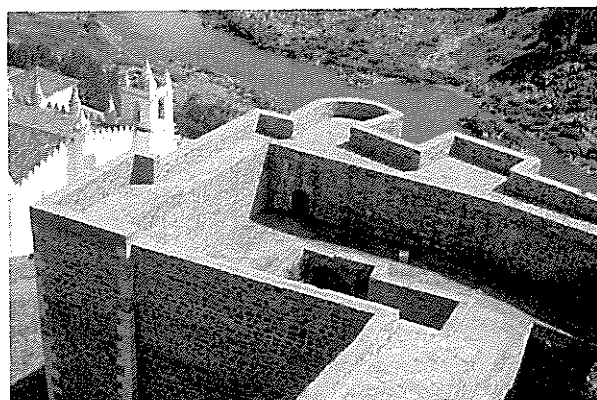


Fig. 12 - Vista superior do complexo defensivo da entrada do castelo; em segundo plano, a igreja matriz, antiga mesquita.

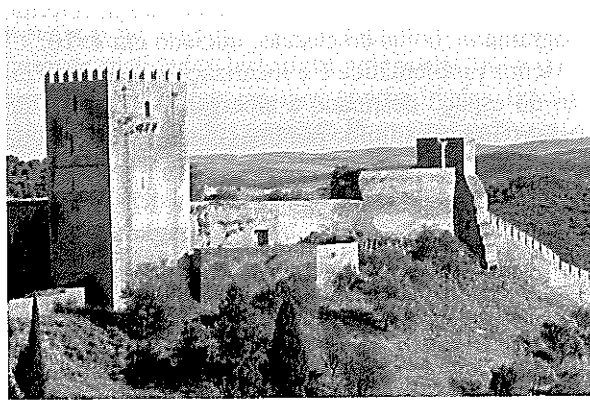


Fig. 13 - Perspectiva poente do castelo.

com a política desenvolvida pela coroa, de renovação das estruturas habitacionais em todas as fortalezas (posta em evidência, nomeadamente, por Garcia de Resende na *Crónica de D. João II*).

É provável que a nova casa do alcaide, tendo em conta a sua localização e dimensões, se tenha sobreposto a antigas estruturas residenciais, das quais, contudo, nada se conhece. Por outro lado, dada a sua envergadura, terá, por certo, obrigado a transformações na distribuição de alguns dos outros espaços do castelo.

Construída em alvenaria, a casa do alcaide-mor estava lateralmente adossada a uma das faces da torre de menagem, desenvolvendo-se para sudoeste, obliterando grande parte do adarve virado a noroeste e tornando cego o pano de muralha em toda a extensão da casa. De realçar, no entanto, que este era o lado mais protegido da fortaleza, não só pela escarpa natural, como pela localização da torre de menagem e da estrutura defensiva que enquadrava a porta falsa.

A fachada, virada à praça de armas, era precedida por uma elegante escadaria em tijolo, obrigada a formar um cotovelo devido à proximidade da cisterna. Esta escadaria, sempre posta em evidência nas descrições pela qualidade da sua construção, facultava o acesso ao piso sobradado que crescia em altura a partir do nível do adarve e a um segundo registo que se levantava num dos topos. Era nestes espaços, mais elevados, que se distribuíam as cinco dependências que constituíam a zona de habitação da casa.

A divisão principal, localizada no centro do todo o edifício e à qual se acedia directamente através das referidas escadas, era uma ampla sala de onde se organizavam e partiam as restantes dependências. Quanto à fenestração, possuía uma janela de alvenaria, gradeada, que abria para o terreiro e outra com moldura em pedra, da qual se avistava a ribeira de Oeiras. A parte do pavimento que assentava sobre o

adarve estava coberta por ladrilhos e a restante área era sobradada de madeira de castanho. No topo da sala, sensivelmente a meio, sobre a zona ladrilhada, situava-se uma lareira cuja chaminé de secção rectangular se elevava, em destaque, sobre o telhado de quatro águas de telha vã.

Nesta sala, para o lado da torre de menagem, rasgava-se uma porta através da qual se penetrava numa larga câmara, iluminada por uma janela gradeada que dava para o terreiro e aquecida, em tempo frio, por uma lareira de canto. Deste aposento passava-se a outro mais pequeno que possuía uma janela gradeada virada a poente. Estas duas câmaras estavam cobertas, cada uma delas, por telhados independentes de quatro águas, os quais, para maior conforto, possuíam um forro em pinho.

Do outro lado da sala principal, transposta uma porta, penetrava-se numa divisão que possuía uma lareira de canto e que funcionava como cozinha. Sobre ela assentava o compartimento mais alto da casa, que se alcançava subindo uma escada de alvenaria lançada a partir da sala. De pequenas dimensões, era utilizada como câmara. As grandes amplitudes térmicas que caracterizam o tempo nesta região terão levado a isolar com cortiça o preexistente forro de madeira que antecedia o telhado de quatro águas. Neste aposento abriam-se duas janelas, uma nas traseiras, outra na fachada e ainda um portal que dava passagem para o pequeno torreão que se erguia adossado ao alçado sudoeste.

Num nível inferior aos espaços já descritos, evoluía em profundidade, por baixo das duas câmaras contíguas à torre de menagem, um compartimento designado de «*entresolho*» (entre soalhos), sob o qual existia ainda o denominado «*sotão*» (aqui no sentido de cave), «*sotão*» este que se prolongava pela base de toda a casa. Acedia-se ao compartimento de *entresolho* descendo uma escada situada na câmara maior. A entrada para o piso térreo, para o

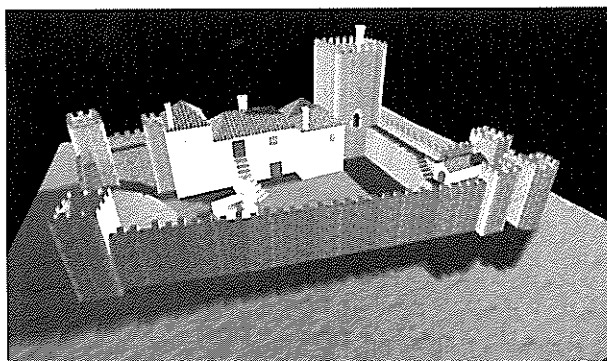


Fig. 14 - Plano retirado da reconstituição virtual do castelo de Mértola em inícios do séc. XVI, com a casa do alcaide-mor, a capela de Santiago, as torres do lado sul e a cisterna primitiva, construções já desaparecidas ou modificadas. (Reconstituição histórica dos autores; execução técnica de Carlos Boiça.)

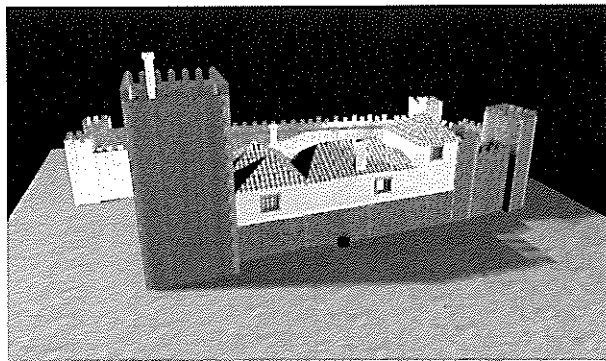


Fig. 15 - Plano retirado da reconstituição virtual do castelo de Mértola em inícios do séc. XVI, lado poente da torre de menagem e da casa do alcaide-mor. (Reconstituição histórica dos autores; execução técnica de Carlos Boiça.)

chamado «*sotão*», era feita exteriormente, a partir do terreiro, através de uma porta que se abria no nível mais baixo da fachada. Era neste espaço, que ocupava toda a área inferior da casa, que se situavam as «lôgeas», destinadas ao armazenamento dos géneros necessários, e era através dele que se acedia à porta da traição.

A casa do alcaide-mor manteve-se em bom estado de conservação até meados do século XVI, sendo mesmo alvo de alguns melhoramentos, como a colocação, na sala, de um forro de canas e o acréscimo, na mesma sala, de mais uma janela para poente. A nível funcional, a novidade mais importante foi a criação de um acesso quase directo entre a casa do

alcaide e a torre de menagem, obra que implicou a construção de uma plataforma que partindo do adarve se estendia pela face nascente da torre. Assim, na extremidade da parede norte da casa, no interior da câmara mais ampla, foi aberta uma porta para o muro recentemente edificado, encurtando o trajecto entre a torre e a casa do alcaide-mor, que antes se via obrigado a um incómodo percurso pelo exterior.

Em finais do século XVI, a casa do alcaide já se encontrava abandonada e em estado de ruína avançado, situação concomitante à transferência da habitação do comendador (que acumulava desde os anos vinte o cargo de alcaide-mor) para a animada praça da vila, junto à porta da Ribeira.

NOTAS

¹ BARROS, M.^a de Fátima, BOIÇA, Joaquim, GABRIEL, Celeste, *As Comendas de Mértola e Alcaria Ruiva. As Visitações e os Tombos da Ordem de Santiago 1482-1607*, Campo Arqueológico de Mértola, 1996, p. 83.

² AZEVEDO, Pedro, «Auto de entrega da fortaleza de Mertolla», *Archeologo Português*, vol. VI, Lisboa, 1901, p. 208.

³ BARROS, BOIÇA, GABRIEL, *Ob. Cit.*, 1996, p. 83

